

# O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

|          |   |          |                                    |   |          |        |
|----------|---|----------|------------------------------------|---|----------|--------|
| 4.º ANNO | PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)<br>(REINO) |          | PORTO—1 DE NOVEMBRO DE 1880        | PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)<br>(ESTRANGEIRO) |          | N.º 15 |
|          | Trimestre.....                              | 350 réis |                                    | Trimestre.....                                    | 600 réis |        |
|          | Semestre.....                               | 700 *    |                                    | Semestre.....                                     | 1.200 *  |        |
|          | Anno.....                                   | 1.400 *  |                                    | Anno.....   | 2.400 *  |        |
|          |   |          | ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128 |   |          |        |

## JOAQUIM ANTONIO DE MOURA SOEIRO

Isto não é uma biographia, descance o leitor. Não vamos estampar aqui a certidão de baptismo do nosso retratado, nem esmiuçaremos, na sua arvore genealogica, os nomes dos ascendentes d'elle, para os enumerarmos aqui.

Se fizéssemos esta tentativa talvez que embarrássemos nos D. Soeiros da historia, portuguezes ás direitas, que legaram o seu nome á posteridade pelos feitos practicados em pró da sua patria. Talvez que fossemos, em peregrinação através os tempos, até ás epochas da fundação da monarchia, encontrar a origem da familia do nosso retratado, n'aquelle venerando Soeiro Mendes, o amigo de Egas Moniz, o inseparavel de Gonçalo Mendes da Maia, o *lidador*.

Teriamos então de escrever um longo artigo, com muitos nomes e datas, apontamentos historico-criticos, enumerações de bizarros feitos heroicos, et c., etc..

Ora, não é um ensaio historico o que pretendemos fazer. A nós, pouco nos importa que Joaquim Antonio de Moura Soeiro vá encahar nos velhos fidalgos dos paços do senhor rei Affonso Henriques, ou que descenda d'um tronco humilde e obscuro. O que queremos saber, o que sabemos, o que affiançamos, é que Moura Soeiro pertence a uma familia honrada e respeitada. Superior a este titulo, não queremos nenhum outro.

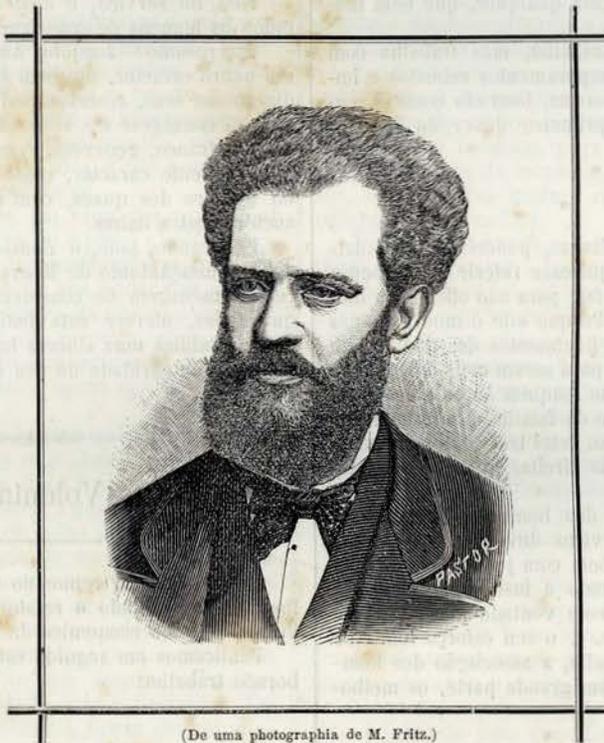
E se Joaquim Soeiro fosse o representante directo

de Soeiro Mendes, não o teriamos agora a reclamar uns direitos de nascimento, que seriam longos e fastidiosos?!...

Tinhamos com toda a certeza, cheio d'uma proza pia orgulhosa, e d'umas exigencias persistentes.

Admittamos, porém, que o nosso retratado descende em linha recta dos Soeiros da historia portugueza, e digamos d'elle as palavras de justiça que merece.

\*  
\* \*



(De uma photographia de M. Fritz.)

Joaquim Antonio de Moura Soeiro, é um excellente e dedicado amigo. Queremos apresental-o aos leitores d'este quinzenario, com estas palavras de recommendação prévia.

Sim, porque é preciso estabelecer bem o seguinte: Hoje, que os adjectivos encomiasticos são para ahí distribuidos com a prodigalidade do esbanjador que gasta o que lhe não pertence, é vulgarissimo ouvir dizer-se: F... é um caracter nobre, uma alma generosa, um espirito superior. E vae-se a ver, esse F... é simplesmente uma nullidade sem senso commum.

Hoje, mercê d'uma corrupção nos nossos costumes, elogia-se todo o mundo. Toda

a gente é honesta e boa, de modo que, quando se torna necessario fallar d'alguem, que é verdadeiramente honesto e bom, é sempre difficil, porque se tem de dizer d'esse alguem o que se tem repetido mil vezes a respeito de qualquer vadio.

Ora, para não confundirmos o bom com o mau, a virtude com o vicio, não dispenderemos palavras de elogio. Apresentamos apenas o homem, tal qual elle é, tal qual todos o conhecem, porque Soeiro não sabe apparentar nem fingir. Rude, mas bom, mas generoso,

mas honesto, mas digno de ser tido na conta de amigo.

Se alguém houver que diga o contrario, então fazemos um elogio ao Soeiro, porque é preciso *defendel-o*.

Nós entendemos que é sempre mau elogiar um individuo; se elle é honrado, apresentemol-o como tal, e está o elogio feito, se o não é, não comprometamos o nosso credito e o nosso bom senso elogiando um patife.

D'aqui não ha sahir, e nas circumstancias presentes, se nos obrigassem a escrever o elogio do Soeiro, nós haviamos, para não cabir no elogio, dizer que elle era um mau homem, um perverso, um sclerado, que respondeu a duzentas policias correccionaes e esteve desde que nasceu na Costa d'Africa!

Ao menos, haviamos de satisfazer o nosso desejo!

Mas, n'este ponto, estamos descaçados. Ninguem nos pediu um elogio, porque elle se converteria em insulto para o retratado, e para nós.

Joaquim Soeiro tem o maior elogio na sua honradez. Ser honrado é ser tudo. E' ser homem. Quem não é honesto, quem é tratante, deixa de ser um homem completo. E' uma coisa qualquer, que nem merece critica.

Soeiro tem familia, e trabalha, mas trabalha com a decidida vontade dos temperamentos robustos e impressionaveis. Trabalha, porque, honrado como é, entende que o trabalho é o primeiro dever do homem.

\*  
\* \*

O que escreve estas linhas, poderia encher mais uma porção de papel, se quizesse referir o que pensa de Joaquim Soeiro. Não o faz, para não offender a modestia d'este seu amigo. Porque elle é modesto, mas modesto, a valer, sem os fingimentos dos que pedem para não fallarem d'elles, para serem mais fallados!

Resumimos, dizendo que Joaquim Antonio de Moura Soeiro é um honrado chefe de familia, um trabalhador dedicado, um amigo sincero. Estas tres qualidades constituem o homem de bem ás direitas, querido e respeitado de todos.

Deve-lhe a associação dos bombeiros voluntarios muitos bons serviços, serviços devéras importantes, que os seus camaradas sabem com justiça avaliar.

Verdadeiramente dedicado á instituição a que se ligou, trabalha para ella com vontade decidida, com pronunciadissimo interesse. E o seu esforço tem sido proficuo, porque graças a elle, a associação dos bombeiros voluntarios deve, em grande parte, os melhoramentos que soffreu.

\*  
\* \*

Quizeramos insistir n'este ponto, mas julgamo-nos dispensados de o fazer, porque são publicos os bons serviços dispensados por Joaquim Soeiro á associação a que pertence.

Na grande vontade de a engrandecer, desenvolve uma actividade espantosa, trabalhando constantemente, dirigindo, estabelecendo, dispondo. E tudo isto é feito com uma nobre isempção, com um honradissimo desinteresse.

Testimunha ocular d'estes relevantissimos serviços, com intima satisfação os apregoamos.

E para que se não julgue que encarecemos esses serviços, para ter de dizer algumas palavras amaveis ao nosso retratado, referiremos que o conselho fiscal da associação dos bombeiros voluntarios, no intuito de affirmar os seus sentimentos de gratidão por Joaquim Soeiro, projecta collocar-lhe o retrato na sala das sessões.

Este preito de veneração conquista-se pelo merecimento, ganha-se pelo trabalho honesto.

Registramos com prazer esta noticia, que se é lisonjeira para o nosso retratado, não o é menos, posso assegural-o, para os membros da associação dos bombeiros voluntarios.

\*  
\* \*

Joaquim Antonio de Moura Soeiro, é exemplar no cumprimento do dever que voluntariamente se impoz.

Nas occasiões de perigo, não fica atraz; vae á frente, resoluta, dedicado, acudir com o seu braço firme áquelle que carecer d'elle. Veste com honra a farda do bombeiro, e sabe tornal-a venerada.

Fôra do serviço, é alegre, divertido, como o são todos os homens de consciencia desafogada.

Em resumo — Joaquim Antonio de Moura Soeiro é um nobre caracter, um bom chefe de familia, todo dedicado aos seus, reservando d'essa dedicação uma parte para consagrar aos seus amigos. Por isso que é honrado, é franco, generoso, compassivo.

Excelente caracter, conta muitos amigos sinceros, no numero dos quaes, com muito prazer, se conta o auctor d'estas linhas.

Publicando, pois, o *Bombeiro Portuguez*, o retrato de Joaquim Antonio de Moura Soeiro, presta uma sincera homenagem de consideração a quem, pelas suas qualidades, merece esta distincção. Não archiva um elogio: publica uma sincera homenagem a quem a merece pela integridade do seu caracter.

F. P.

## Bombeiros Voluntarios do Porto

Esta associação reúne no dia 3 do corrente para lhe ser apresentado o relatório e conta da gerencia durante o anno economico de 1879-1880.

Publicamos em seguida este minucioso e bem elaborado trabalho.

SENHORES:

Em cumprimento do artigo 44.º dos nossos estatutos vimos hoje prestar-vos as contas da nossa gerencia e fazer-vos fiel narrativa de todos os acontecimentos relativos á nossa associação, durante o anno economico de 1879-1880.

Comquanto o estatuto ordene que o prazo para a apresentação de contas e relatório dos actos dos corpos gerentes, seja desde 5 a 10 de junho, a practica tem evidenciado exhuberantemente a impossibilidade de se dar cumprimento exacto a essa disposição, como já por mais de uma vez vos tem sido demonstrado pelas Direcções que nos antecederam.

deram. No entretanto, entendemos dever pedir-vos um *bill* de indemnidade por essas faltas, certos de que seremos atendidos, depois de bem ponderada a justificação que vamos apresentar.

Para que o estado financeiro da associação, relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, vos possam ser fiel e explicitamente apresentados, seria necessario e indispensavel até, que o balanço podesse ser fechado e o relatório escripto em 31 de maio e que o Conselho Fiscal, reunindo immediatamente, tivesse a possibilidade de examinar as contas, livros, documentos e discutir o relatório a tempo de poder ser impresso e distribuido pelos associados com antecedencia de 3 dias do dia da assembleia geral, como ordena o estatuto.

Como vós sabeis, nem todas as contas relativas ao mez são apresentadas a tempo; e surgindo outras difficuldades imprevisas, como quasi sempre succede, maiores se tornam os embaraços para se poder cumprir a lei. Porém, ainda que tivesse sido possível fechar as contas e concluir a narrativa e exposição dos actos da nossa gerencia no dia 31, convidar e reunir o Conselho Fiscal no dia immediato, e que este apenas gastasse dois dias, o minimo para um exame muitissimo superficial, como seria possível mandar imprimir e subscriptar as cartas convocatorias, de forma que os snrs. associados as podessem receber tres dias antes de expirar o ultimo prazo marcado pelo estatuto; isto é, no dia 7? Demais, com os preparativos para os festejos e basar, por occasião do 1.º lustro da associação, não tivemos tempo para nos occuparmos d'este assumpto e de outros igualmente importantes.

Parece-nos, pois, que em vista das razões que addusimos, a nossa justificação é plena e cabal, mormente, porque com ella demonstramos os bons desejos que tivemos, não só de vos poder dar relação minuciosa do estado financeiro da nossa associação, como de tudo quanto lhe diz respeito, afim de que vós podesseis ter perfeito conhecimento do estado da associação e da maneira como ella foi por nós administrada.

Como vós sabeis, os nossos consocios activos, em vista da nomeação do engenheiro, o exc.<sup>mo</sup> snr. Eduardo Augusto Falcão, para Inspector Geral dos Incendios, voltaram de novo a prestar os seus serviços á cidade, no dia 6 de julho do anno preterito, depois de uma interrupção de dois annos, durante os quaes não deixaram de se exercitar nos diferentes exercicios para a extincção dos incendios.

A Direcção entende ser dever indeclinavel faser especial menção dos importantes serviços prestados por esses nossos consocios em alguns incendios, bem como da sua assiduidade, zelo e disciplina. Temos, no entretanto, a lastimar a perda do voluntario n.º 37, o exc.<sup>mo</sup> snr. Manuel Alves da Costa Paiva, que succumbiu aos estragos d'uma thysica pulmonar.

É com a maxima satisfação que declaramos a desaparição da animosidade que existia entre esta corporação e a sua congengere municipal; pois que só temos palavras de louvor para todos, pela fraternal camaradagem de que teem dado provas tão exuberantes durante o anno que agora findou. Só nos resta, pois, fazer votos para que tão appetecida harmonia jámais seja empanada. Iguaes palavras de louvor merecem os bombeiros de Villa Nova de Gaya, pelas maneiras attenciosas com que sempre

nos distinguiram e pela leal camaradagem que nos teem dispensado em todos os incendios a que temos concorrido no seu districto.

Tendo nós tomado conta do mandato que nos foi conferido em assembleia geral, em occasião tão pouco propicia e florescente, foi necessaria toda a nossa energia, pois havia dois annos que a associação se achava inerte e sem possuir os recursos precisos, visto que a maioria dos socios protectores se recusavam a pagar as suas quotas, circumstancia esta, que bastante contribuiu para augmentar consideravelmente o *deficit*. Vós não ignoraes, tambem, que os encargos continuaram sempre a subsistir quasi na sua totalidade, tornando-se necessario recorrer a varios meios para podermos pagar todas as dividas.

E muito a proposito vem aqui o dizer-se, que nem tão poucos e pequenos são os encargos obrigatorios a que esta associação está sujeita. Para que os snrs. associados possam melhor avaliar as difficuldades com que tem de lutar a Direcção, bastará dizer-se, que sendo a receita inferior a 120\$000 réis mensaes, a despeza excede muitissimo, como claramente se vê pelas verbas obrigatorias, ás quaes não póde a associação eximir-se, sem prejudicar gravemente o fim humanitario a que almeja.

Entre essas verbas, notam-se as seguintes:

500\$000 réis, para aluguel da casa; 511\$000 réis, para aluguel da parelha da bomba; 150\$000, para a parelha do carro; 467\$200, para os salarios dos empregados; 100\$000, para gaz; 40\$000, para premios de avisos de incendio; 200\$000, para concertos, afóra outras muitas despezas de secretaria e compras de utensilios.

Foi para fazer face a tantos encargos e no intuito de augmentar a receita, que alguns benemeritos organisaram os espectaculos dramatico e gymnastico de 17 e 31 de janeiro ultimo, devendo-se á extrema obsequiosidade e generosidade, não só da commissão promotora, como dos distinctos amadores que n'elles tomaram parte, o ser a receita tão avultada, pois que todos os gastos foram feitos a expensas dos amadores e promotores.

Como os nossos consocios reunidos em assembleia geral já se pronunciasssem a este respeito, só nos resta testemunhar por este meio a esses benemeritos o nosso profundo reconhecimento e gratidão.

A Direcção não póde, comtudo, deixar de lastimar que a causa principal da decadencia temporaria da associação fosse a recusa de grande numero de socios protectores ao pagamento mensal das suas quotas, durante o tempo que a associação deixou de concorrer aos incendios; porém, em compensação, rejubilada pelo crescido numero de novos socios que ultimamente teem vindo alistar-se por proposta de varios associados, o que é mais um symptoma animador da futura prosperidade da associação.

O estado vergonhoso em que se achava o interior da casa obrigou-nos a mandar fazer alguns melhoramentos, taes como pintar as portas e janelas, forrar as sallas e mobilal-as; mas, ainda assim, a despeza foi muito menor do que era de esperar, devido á espontanea generosidade de alguns consocios, que contribuíram bizarramente para esse fim, principalmente para o dormitorio. Entre o numero crescido de dadas, não podemos deixar de notar

as seguintes: na secretaria geral, o tapete, cortinado, papel e cadeira da presidencia, offerta do presidente e vice-presidente, os ex.<sup>mos</sup> snrs. Eduardo José Alves e Joaquim José de Sousa Magalhães; o lustre de crystal, e um reposteiro, do thesoureiro, o ex.<sup>mo</sup> snr. A. M. Fleming; dois reposteiros, pelos dignos commandante e fiscal, os ex.<sup>mos</sup> snrs. Guilherme Gomes Fernandes e Joaquim A. de Moura Soeiro—na secretaria dos socios activos, toda a mobilia, tapete, cortinado, reposteiros, papel e lustre, offerta do digno commandante, o ex.<sup>mo</sup> snr. Guilherme Gomes Fernandes—na arrecadação, o papel pintura, soalho e outros arranjos, offerta do fiscal, o ex.<sup>mo</sup> snr. J. Antonio de Moura Soeiro—na sala das sessões, o lustre de crystal, offerta do ex.<sup>mo</sup> snr. Leopoldo Cirne, socio protector-auxiliar—no dormitório, os candelabros de crystal, offerta do socio protector, o ex.<sup>mo</sup> snr. Francisco José da Naya e Silva; as colchas brancas para as cinco camas, offerta do socio activo, o ex.<sup>mo</sup> snr. Luiz da Terra Pereira Vianna e o relógio de parede, dadia do socio protector, o ex.<sup>mo</sup> snr. Justino Gomes de Oliveira.

Cumpre-nos, tambem, dar-vos conhecimento do offerecimento feito pelo snr. José da Silva Fructuoso, que se propoz organizar uma banda de musica, com compromisso de tocar gratuitamente em todas as festas, bem como uma vez por mez, recebendo em compensação a garantia de poder intitular-a *Banda dos Bombeiros Voluntarios do Porto*. A Direcção entendeu dever acceitar este offerecimento, que não sobrecarregava o cofre da associação, mas que, pelo contrario, offerecia um passatempo agradável aos socios. Para commodidade da banda e como embelezamento, promoveu o digno fiscal, o ex.<sup>mo</sup> snr. Soeiro, uma subscrição para levantar um coreto, devendo-se igualmente ao seu zelo e actividade muitas das obras que a associação tambem mandou fazer. Consignando-se-lhe, portanto, aqui um voto de especial louvor, apenas cumprimos um dever e nada mais.

Cumpre-nos, igualmente, noticiar-vos com verdadeiro reconhecimento o valioso offerecimento feito pelo pintor, o ex.<sup>mo</sup> snr. Amandio Marques Pinto, que se promptificou a pintar gratuitamente a bomba. Não é menos digna de louvor e credora do nosso reconhecimento a Direcção da Companhia de Illuminação a Gaz, pelo grande abatimento que se dignou fazer na conta do gaz consumido nos ensaios e espectaculos que tiveram logar este anno no Palacio de Crystal.

Todos vós sabeis, perfeitamente, a protecção e benevolencia que sempre nos dispensou a imprensa d'esta cidade; portanto, é dever nosso patentear-lhe aqui, publicamente, o nosso reconhecimento pelo valioso auxilio que tem prestado á associação; e pedimos mais, que, no livro das actas das nossas assembleias geraes, seja lançado um voto de sincero agradecimento á imprensa jornalística d'esta cidade, sem distincção.

Em virtude de uma disposição do regulamento dos socios activos, que faculta aos outros socios o inscreverem-se como auxiliares para o serviço dos incendios e outros identicos a que concorre esta associação, grande numero de consocios aproveitaram essa concessão, tendo-se já notado a sua valiosa coadjuvação em tão ardua tarefa. Mencionarmos, portanto, o importante auxilio que alguns d'elles

teem já prestado, é dever que gostosamente cumprimos.

E já que fallamos do regulamento dos socios activos, convem explicar o motivo porque elle ainda se não acha impresso, apesar do offerecimento feito pelo ex-socio activo, o ex.<sup>mo</sup> snr. Antonio Ferreira de Brito.

Nós entendemos e cremos que acertadamente, não dever por emquanto mandar imprimir o regulamento, sem que primeiro se reconhecesse pela practica quaes as modificações que deveria soffrer; e portanto, esperamos que esta nossa resolução, baseada na conveniencia economica, será por vós sancionada.

Como tambem a practica tenha demonstrado a necessidade de se reformar algumas das disposições do estatuto, lembramos a conveniencia de se nomear na proxima assembleia geral uma commissão de tres membros que dê o seu parecer a tal respeito, para opportunamente ser discutido e votado.

Tendo-nos sido requerida pelos socios activos auctorisação para a substituição dos capacetes de sola por outros de metal amarello, e reconhecendo nós a necessidade immediata e vantagem palpavel da innovação, deferimos gostosamente essa petição; porém, como o estado financeiro do cofre nos não permittisse tomar encargo tão oneroso, resolvemos contrahir um emprestimo para e-se fim entre os associados, garantido por meio de obrigações remiveis mensalmente por meio de sorteio, conforme fosse anunciado, em harmonia com as forças do cofre. Esta condição foi unanimemente acceite, achando-se já cobrada a importancia pedida.

É com bastante pesar que vos declaramos, que os serviços dos socios activos não são tão rapidos quanto deveriam sêr, porque a falta de recursos precizos assim o determina, pois que nos não permitte ter outra parelha permanente para a condução do carro de material.

Para obviarmos, até certo ponto, o inconveniente que apontamos, contractamos com um alquilador que vive nas proximidades da estação, ao pateo do Paraiso, a condução do carro, mediante o pagamento de 1\$500 reis por sahida. Por igual motivo tem a escada mechanica de salvação deixado de concorrer a todos os sinistros, o que profundamente sentimos, bem como a falta de quartel apropriado para a resguardar do sol e da chuva. N'este particular não tem a Direcção sido culpada, visto que envidou todos os esforços para que em substituição dos dois quartéis que a camara offereceu para arrecadação de duas bombas, nos fosse concedida a velha igreja da bibliotheca publica, como promettera; porém, difficuldades e embaraços, que nos dizem ter surgido, privaram-nos até hoje de tão util, quanto indispensavel offerecimento.

O estado vergonhoso em que se achava interiormente a casa da associação, a falta de mobilia e a auzencia absoluta de conforto que convidasse os associados a reunirem-se mais amiudadas vezes, moveram a Direcção a fazer algumas obras e a comprar mobilia decente, para cujo fim, bem como para certas reformas urgentes no material de combate, foi por nós deliberado que se organisasse um bazar de prendas por occasião dos festejos commemorativos do nosso 1.<sup>o</sup> lustro e se applicasse o producto a tão indispensavel, quanto inadiavel fim.

Devido, pois, ao favoravel acolhimento que en-

controu nos nossos contreraneos a ideia do bazar, e mais ainda, a generosa acquiescencia de alguns distinctos amadores, nossos consocios, para levarem á scena, n'essa occasião, um spectaculo dramatico, conseguimos poder dar este anno, não só maior realce e brilho aos festejos com que tem por costume esta associação commemorar o anniversario da installação, mas o podermos dotar o cofre da associação com uma quantia avultada, depois de remediadas todas as necessidades, entre as quaes se nota a de uma outra bomba, como auxiliar da que hoje existe.

É com profundo e sincero pezar que temos a participar-vos a sahida do socio activo, o ex.<sup>mo</sup> snr. Alexandre Theodoro Glama, um dos fundadores d'esta associação, a quem os seus affazeres impediram de poder continuar a prestar á cidade os seus serviços; porém temos a satisfação de vos poder anunciar, que, comquanto perdessemos o seu auxilio como socio activo, fomos honrados com a sua camaradagem, como protector.

Eis ahí narradas fielmente as principaes occorrencias da nossa administração. Pelo balancete, cujo saldo a favor da associação era em 30 de Junho ultimo de 233\$765 reis, vereis quaes os encargos contrahidos, bem como a proveniencia da receita, como consta dos respectivos documentos comprovativos, que se acham archivados n'esta secretaria, para serem por vós examinados, se vos aprouver.

Principiamos a nossa gerencia quando a associação estava inerte, desprezada e abatida, quando uma divida enorme lhe cortava o horizonte de prosperidade a que tinha direito pelo louvavel fim a que sempre mirou — o bem da humanidade.

N'estas circumstancias foi muito mais difficil a nossa tarefa, do que seria, se tivéssemos de criar uma nova associação; porém, auxiliados por todos, julgamos terem sido coroados do melhor exito os nossos esforços, porque ao depormos o nosso mandato, entregamos nas vossas mãos a associação liberta de dividas, possuindo mais material e sensivelmente melhorada em todo o sentido; e não só isso, mas com uma escripturação mais regular do que antigamente, attendendo á condição especial da associação, como vós tereis occasião de vêr, quando vierdes examinar as nossas contas e pronunciar o vosso *verdictum* a nosso respeito.

E terminando, só nos resta pedir-vos a vossa indulgencia para qualquer falta que tenhamos commetido, e recomendar-vos o maior escrupulo na escolha d'aquelles que nos deverão substituir, afim de que a obra, que nós julgamos ter encetado com tão auspiciosos resultados, progrida e não defínhe, e a nossa associação possa sempre corresponder com brio e dignidade ao fim altamente humanitario para que foi instituida.

Porto e Secretaria da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto,» 31 de Agosto de 1880.

PELA DIRECÇÃO,

O 2.º Secretario,

*José da França Oliveira Pacheco.*

## CONTA

*Da receita e despeza da 'Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto,» durante o anno economico de 1879 a 1880.*

### RECEITA

|   |            |
|---|------------|
| Balanço em 30 de junho de 1879...   | 229\$110   |
| Jóias, diplomas e mensalidades, cobradas durante o anno de 1879 a 1880 como consta do Livro caixa e talões..... | 1:328\$040 |
| Producto dos beneficios dados no Palacio de Crystal a 18 e 31 de janeiro ultimo.....                            | 1:861\$000 |
| Material vendido aos socios activos.....  | 21\$500    |
| Desconto nos ordenados dos serventes, por conta do fardamento.....  | 28\$100    |
| Producto da subscrição para o enterro do ex-socio activo, Francisco P. Monteiro.....                            | 12\$400    |
| Multas applicadas ao quartelleiro.....  | 1\$800     |
| Abatimento feito pela Nova Companhia Viação Portuense em uma das contas que se lhe pagou.....                   | 5\$000     |
|   | <hr/>      |
|   | 3:486\$950 |
|   | <hr/>      |

### DESPEZA

|  |            |
|--|------------|
| De contas pagas á Nova Companhia Viação Portuense, de alugueis, compostura de material como consta dos respectivos documentos..... | 946\$000   |
| De contas pagas a José Branco Soares de alugueis de parelhas para a bomba e carro de material.....                                 | 524\$900   |
| De contas pagas á Companhia do Gaz.....  | 123\$040   |
| De salarios a cobrador, quartelleiro, serventes e escriptuario.....  | 364\$800   |
| De Carlos Coverley & C., saldo da escada de salvação.....  | 217\$220   |
| De Guilherme G. Fernandes por adiantamentos feitos a esta associação.....  | 518\$770   |
| De Joaquim A. Moura Soeiro por adiantamentos feitos a esta associação.....   | 58\$210    |
| De diversas contas, constando tudo dos respectivos documentos.....   | 500\$245   |
| Saldo.....   | 233\$765   |
|  | <hr/>      |
|  | 3:486\$950 |
|  | <hr/>      |

Porto, 30 de junho de 1880.

*Eduardo José Alves,*  
PRESIDENTE.

*Joaquim José de Souza Magalhães,*  
VICE-PRESIDENTE.

*Augusto Leite da Silva Guimarães,*  
1.º SECRETARIO.

*José da França Oliveira Pacheco,*  
2.º SECRETARIO.

*A. M. Fleming,*  
THEZOUREIRO.

*Guilherme Gomes Fernandes,*  
COMMANDANTE.

*Joaquim Antonio de Moura Soeiro,*  
FISCAL.

(Continua).

## Incendios no Porto de 15 a 31 de novembro

15 de Outubro—Largo de S. Pedro de Miragaya n.º 8, ruínas do predio incendiado na madrugada do dia 7, como opportunamente annunciamos. Na parte da casa que olhava para a rua Armenia reventaram as chammas que foram de prompto extinctas pelos vizinhos e por parte da guarnição da bomba de S. João Novo, independente de mais soccorro publico.

28 de outubro—Á 1 hora da tarde. Edifício da Alfandega, armazem n.º 6, 1.º andar. Quando se procedia á arrumação d'uns caixões reventou um garrafão de acido nítrico levantando grande fumarada o que obrigou os trabalhadores a partirem os vidros das janelas e a fazer suspeitar que o incendio tomava grandes proporções. Abstrahindo do caso de se encontrar misturado com fazendas uns garrafões d'acido nítrico, caso que nos levaria a considerações que não poderiam deixar de ser desagradabilissimas para quem superintende em tal serviço, cabe-nos o dever de estigmatizar o inqualificavel procedimento havido com os bombeiros e que narramos em outra parte do nosso periodico.

O incendio de que vimos fallando foi extinto, no dizer d'uma folha politica, pelo pessoal da casa, que usou para esse effeito d'uma grande porção d'arêa. Ao toque das torres acudiu o pessoal e material dos incendios do districto bem como a corporação dos bombeiros voluntarios. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 4, seguindo-se-lhe a dos voluntarios.

## QUEM MANDA?

Como se vé da chronica de incendios que publicamos, foram chamados os soccorros publicos para o edificio da alfandega.

Os bombeiros com aquella solicitude e boa vontade que nós lhe reconhecemos, compareceram promptamente no local do sinistro, devidamente uniformizados; o mais graduado, um 1.º patrão, cujo nome ignoramos, em comprimento de ordens superiormente transmitidas e seguindo a praxe, desde ha muito estabelecida, dispunha-se a fazer o reconhecimento, sendo impedido com modos arrogantes por um chefe de guardas barreiras, de nome Real, segundo nos disseram, já conhecido como de genio insoffrivel e mal visto pelos seus subalternos a quem, segundo é voz publica, tyrannisa o mais que póde.

Disseram-nos que este empregado fóra para alli mandado pelo sr. Alberto de Moraes e portanto se não consentiu a entrada aos bombeiros, apenas cumpriu as ordens do seu superior; porém podia fazel-o com manieras attentiosas e nunca com modos brutaes e insolentes que poderiam ter sido repellidos igualmente, se o bombeiro não respeitasse tanto a farda que envergava e não estivesse sujeito a um regulamento que lhe define os direitos e deveres.

Não sabemos se o director da alfandega tinha ou não auctoridade bastante para impedir a entrada aos

bombeiros, depois que as torres deram o signal de incendio e que se indicou o edificio da alfandega como sendo o local do sinistro. E' ponto que necessita ficar averiguado para que o bombeiro conheça perfeitamente a latitude dos seus direitos e não venha qualquer imbecil embargar-lhe os passos com ares de potentado. Designe-se bem explicitamente, se nos edificios do Estado, o bombeiro carece de pedir licença a quem os dirige para poder entrar, ou se póde obrigar-o a abrir as portas como faz nas casas particulares, como por mais do que uma vez se tem visto.

Pela nossa parte entendemos que, desde o momento em que os soccorros publicos são reclamados, quem os dirige deve ter o direito de averiguar a causa do alarme, a origem do sinistro e outras mais circumstancias que julgar convenientes e que o assegurem de que os seus serviços já não são necessarios.

Não só por estas razões, mas por outras que vamos adduzir, pessima e mal avisadamente andou o sr. Director da alfandega em prohibir a entrada ao bombeiro mais graduado e muito mais ainda em encarregar d'essa missão um homem mal visto e tido como pouco delicado, do que poderia resultar grave conflicto se o bombeiro que primeiro compareceu, no desempenho da sua missão humanitaria, não fosse muitissimo prudente e extremamente delicado.

Saiba o sr. Real que não é com empurrões e palavras grosseiras que o chefe de uma corporação que deve ser respeitavel, se dirige ao chefe de uma outra corporação muito mais respeitavel e digna do que a sua, e cuja missão é muito mais nobre e honrosa, porque não se dedica á espionagem, mas sim á salvação da humanidade e dos seus haveres, com risco da propria vida.

As corporações de bombeiros estão hoje muito regularmente organisadas, teem uma lei que torna cada um responsavel pelos seus actos; são corporações legalmente organisadas, tendo chefes para punirem e premiarem, conforme os actos de cada um; não são horas de salteadores e guerrilheiros, sem methodo ou systemas de acção; são compostas de pessoas respeitaveis, aliás não seriam alli admitidos e quando o fossem, seriam depois expulsos se não honrassem como deviam os seus camaradas.

Como taes mereciam mais respeito e consideração.

Estamos tambem filijados na honrosa classe do bombeiro; temos orgulho em pertencer, posto que em ultimo logar, a essa heroica phalange de homens prestadio; sentimo nos humilhados com o insulto dirigido a um nosso camarada; porém resta-nos a consolação de podermos desagrarar-nos por este meio e pedirmos ao mesmo tempo justiça a quem compete providenciar e que se define de uma vez para sempre a posição do bombeiro, para que elle não esteja sujeita a ser mandado por qualquer carrejão ou boleiro.

Mas não ficou aqui o Real mandão: quando chegou a guarda, dirigiu-se ao official commandante e mandou-a retirar!

Sempre julgamos que a tropa ou policia que vae para o local do incendio ficava á disposição do chefe dos bombeiros; porém o sr. Real acaba de introduzir mais esta innovação no serviço, e os bombeiros e seus chefes, cujos direitos eram tão tumultuariamente usurpados, nem sequer protestaram pacificamente.

Magnificos precedentes são estes! Os resultados futuros, se não houver promptas providencias, provarão que a nossa indignação de hoje é bem fundada e justa; e

que ao sr. Inspector Geral dos Incendios compete remediar estes inconvenientes.

O *sollicito* Director temia talvez que os bombeiros furtassem alguma fazenda aos direitos e mandou, por consequencia como guarda da porta o tal Real. Pois tome um conselho: desenvolva essa solicitude para os de casa e verá que dá melhor resultado, e deixe em paz o bombeiro.

Por hoje temos dito.

## Bombeiros Voluntarios de Belem

A associação dos bombeiros voluntarios de Belem acudiu durante o anno economico de 1879 a 1880 a 26 incendios, a saber: 20 no concelho de Belem, 4 em Lisboa, 1 no concelho dos Olivaeos, e um no de Almada. Os seus serviços foram utilizados em 10 incendios, na extincção dos quaes se empregaram 210:424 litros de agua, trabalhando a machina 58 horas e meia. Estes incendios deram-se: em julho 5, agosto 5, setembro 3, outubro 3, dezembro 1, fevereiro 2, março 4, abril 2, junho 1, ao domingo 3, à segunda feira 3, à terça 4, à quarta 3, à quinta 8, à sexta 3, ao sabbado 2; das 6 horas da manhã ao meio dia nenhum, do meio dia às 6 horas da tarde 9, das 6 da tarde à meia noite 11, e da meia noite às 6 da manhã 6. Dos 26 incendios, 3 manifestaram-se em fabricas, 11 em diversos depositos, 5 em habitações, 2 em tabernas, 1 em estremeira, 2 em eiras e 1 em fogueteiro, attribuindo-se a sua origem ao seguinte: por falhas 6, por descuido 7, por supposta malvadez 7, por falta de limpeza na chaminé 1, por fosforos 3, por combustão expontanea 2.

Os soccorros da associação compareceram 11 vezes em 1.º lugar, 2 em 2.º, 4 em 3.º, 3 em 4.º, 2 em 5.º, 1 em 8.º, 1 em 10.º, 1 em 12.º, 1 em 15.º percorrendo a distancia de 59 kilometros, e 378 metros na ida e volta.

Os prejuizos causados por estes incendios foram calculados em 83:858\$500 reis sendo 39:699\$500 reis em propriedades, 36:619\$000 em estabelecimentos, e 8:345\$000 em mobílias.

Morreu queimado um adulto do sexo masculino.

A associação dispendeu reis 50\$100 com o pessoal auxiliar.

## Bombeiros voluntarios dos Olivaeos

No dia 17 do passado teve esta auspiciosa associação o seu primeiro exercicio. O sr. inspector dos incendios de Lisboa da melhor vontade consentiu que os exercicios continuem na escola municipal da rua da Inveja, tendo lugar aos domingos das tres às seis horas da tarde.

E' instructor da corporação em quem se nota a melhor boa vontade de se tornar util e presfimoso aos seus concidadãos, o bombeiro municipal de Lisboa, o sr. João Dias Dourado.

Deixou de fazer parte d'esta corporação o sr. Antonio Joaquim Torres Alves de Aguiar.

## A escada Porta

Um dos melhores systemas conhecidos de escadas para serviço de incendios é inquestionavelmente a escada inventada por Paulo Porta, de Milão e cuja descripção e desenho não nos despedimos de dar aos nossos leitores.

A respeito d'essas escadas deparamos com o seguinte no jornal *La Perseveranza*, de Milão, de 6 do passado.

«Nos ultimos dias de setembro effectuaram-se nas estações dos caminhos de ferro de Milão e Turim, interessantes experiencias com uma escada Porta a que o seu inventor chamou a *indispensavel*.

E' uma escada com duas rodas, ligeira, e de facilizo manejo e como tal verdadeiramente indispensavel para as administrações, manufacturas, fabricas, etc. para trabalhos de construcção ou reparação. As experiencias em Turim e Milão foram feitas sob a direcção do sr. Paulo Porta com assistencia dos engenheiros do caminho de ferro.

O sr. Mantegazza, engenheiro em chefe de via e obras dos caminhos de ferro da Alta Italia tinha convidado para assistir ás provas da escada Porta na estação central de Milão não só os outros engenheiros do caminho de ferro d'aqui, como tambem os engenheiros Martinetti, de Turim, Giambruni, de Tirenze e Bottoni de Verona. As experiencias tanto em Turim como em Milão tiveram o melhor exito e muito a contento dos individuos que foram chamados para as apreciar. A direcção dos caminhos de ferro encommendou ao sr. Paulo Porta quatro escadas e tambem nos consta que está em ajuste para acquisição d'aquellas escadas com o sr. Porta a direcção do arsenal de Spezia.»

## Varias noticias

A companhia de seguros *Fidelidade* estabelecida em Lisboa, enviou ao sr. inspector dos incendios para ser distribuido pelos bombeiros que trabalharam na extincção do fogo da rua Nova do Almada, a quantia de 120\$000 reis. Acompanhava esta offerta uma carta muito lisongeira para aquella corporação.

A camara municipal d'aquella cidade sob proposta do vereador do pelouro dos incendios o sr. Rodrigues da Camara resolveu augmentar com mais oito aspirantes o seu corpo de bombeiros, que assim ficará contando sessenta individuos com aquella graduação.

As companhias seguradoras que soffreram prejuizos com o incendio do palacio Ougella requereram á camara municipal de Lisboa para que esta corporação se sirva investigar pela fórma que julgar mais conveniente se a companhia das aguas, n'aquelle incendio, deixou de cumprir as obrigações do seu contracto e se a falta d'agua que tão sensível se tornou no incendio referido foi motivada por causa que lhe possa ser imputada. A camara nomeou para este effeito uma commissão de que faz parte o sr. inspector dos incendios.

\*  
\*

O serviço d'incendios em Lisboa custou no mez de setembro 2:924\$060 reis, incluindo-se n'essa verba a despeza com o incendio ao Chiado que importou em 1:427\$070 reis distribuidos do seguinte modo:

Á primeira machina que compareceu, premio 4\$800 reis; aos tres primeiros segundos patrões que chegaram, 1\$800 reis; aos trinta primeiros aguadeiros, 3\$000 reis; aos capatazes, 5\$200 reis; importancia da agua vazada nas machinas, 51\$620 reis; gratificações pelo trabalho do pessoal das machinas, 986\$000 reis; gratificações pelo trabalho dos 89 bombeiros, 328\$000 reis; despesas extraordinarias, 46\$050 reis.

\*  
\*

A companhia de seguros Fidelidade tambem gratificou os guardas de policia que trabalharam n'aquelle incendio.

\*  
\*

No orçamento da camara municipal d'esta cidade para o anno civil de 1881 figura a inspecção dos incendios com a verba de 8:658\$400 reis não incluindo a despeza com o premio aos bombeiros e aguadeiros, reforma de material de incendios, compra de archotes, expediente de secretaria e aluguer de casas para quartel de bombas que está comprehendida nas diversas despesas a cargo do municipio com a verba de 26:695\$730 reis.

Os 8:658\$400 reis, são assim distribuidos: pessoal superior e secretaria, 1:828\$000 reis: pessoal para onze bombas e quatro carros, 6:208\$800 reis e pessoal addido 622\$400 reis.

\*  
\*

Sob proposta do sr. vereador Theophilo Ferreira a camara municipal de Lisboa resolveu convidar o sr. inspector dos incendios d'aquelle cidade para faser um estudo acerca da distribuição das boccas de incendios, não só para o bom serviço d'esse ramo de policia municipal como para o da rega das ruas.

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar algumas secções do nosso periodico. Pela mesma causa reservamos para o n.º seguinte a conclusão do relatorio da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto».

## ANNUNCIOS

EMPRESA COMMERCIAL E INDUSTRIAL AGRICOLA

### Exposição Permanente

DE

## MACHINAS

DEPOSITO — Largo do Conde Barão, 5, 6 e 7 — LISBOA

Charruas aperfeiçoadas de todos os systemas de 1, 2 e 3 aivecas de ferro ou aço, grades francezas e inglezas, escarificadores, ceifeiras americanas, debulhadores para trigo e milho, tararas para limpar cereaes, bandejas para tirar a pedra aos cereaes, corta-palhas, bombas para trasfego de vinho, aguardente, oleo, petroleo rega e incendio, charruas e escarificadores para vinhos, sulphuradores para vinho e vasilhas, machinas para rolhar e encher garrafas, machinas de vapor as mais economicas e mais perfeitas, manejos para 1, 2, 3 e 4 cavallos, moinhos para cereaes, trituradores para grãos, corta-raizes e um grande numero de outras machinas, etc., etc.

As encomendas de todas e quaesquer machinas que não se achem expostas no deposito, deverão ser dirigidas ao escriptorio da Empresa.

Travessa de S. Nicolau, 12, 1.º — Lisboa

Onde tambem se prestam todos os esclarecimentos. — Representante no Porto, Eduardo Vieira da Cruz, no Palacio de Cristal ou rua da Fabrica, 55.

## A VOLTA DO MUNDO

NOVO JORNAL DE VIAGENS

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Acha-se aberta a assignatura para esta importante publicação na SUCCURSAL GERAL DA EMPRESA NO NORTE DO REINO — Imprensa Occidental, rua da Fabrica, 66, Porto e em todas as livrarias.

Antonio Augusto de Oliveira

## ALMANACH PORTUENSE

PARA 1881—20.º ANNO

Publicado pelos successores

Começou a distribuir-se e encontra-se á venda: Na Livraria Academica—rua do Almada, 211—na de L. J. d'Oliveira & C.ª—rua de Santo Antonio, 49, e nas principaes livrarias d'esta cidade.

Porto—Typ. Occidental, rua da Fabrica,—66.